

NOME:

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01 //

(FUVEST-SP/2015/1ª Fase) Leia o texto:

TEXTO

O operário no mar

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder opositor vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me

dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo.

Embora o texto de Drummond e o romance **Capitães da Areia**, de Jorge Amado, assemelhem-se na sua especial atenção às classes populares, um trecho do texto que não poderia, sem perda de coerência formal e ideológica, ser enunciado pelo narrador do livro de Jorge Amado é, sobretudo, o que está em:

- (A) “Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa.”
- (B) “Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros (...).”
- (C) “Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder opositor vociferando.”
- (D) “Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca.”
- (E) “Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos.”



QUESTÃO 02

(UCS-RS/2015/Janeiro) Nos trechos abaixo, os autores do Rio Grande do Sul tematizam o espaço regional, voltando-se à figura do gaúcho. Leia os dois fragmentos.

Fragmento 1

(...) Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco”.

Fonte: LOPES NETO, João Simões. Contos gauchescos. Porto Alegre: Novo Século, 2000. p. 19-20.

Fragmento 2

Esse ‘dantes’, tão frequente na boca daqueles derrotados, parecia se referir a um período mais longínquo do que era realmente, a uma época que pertencera a poucos, aos escolhidos pela sorte, a uma era de larguezas inacreditáveis, de abundância, de bravura, de vitórias, vivida por homens guapos! Hoje em dia... Bah! E balançavam em silêncio as cabeças tontas, penalizados de si mesmos e do mundo que era outro.

Fonte: MARTINS, Cyro. Porteira fechada. 11. ed. Porto Alegre: Movimento, 2001. p. 74.

Leia as afirmações acerca dos fragmentos.

- I No Fragmento 1, o narrador descreve a figura idealizada do homem gaúcho.
- II No Fragmento 2, o narrador enfoca a decadência do gaúcho, estabelecendo um contraponto com o herói bravo e mítico.
- III Os dois fragmentos silenciam quanto ao papel da mulher na formação da identidade do gaúcho.
- IV O Fragmento 2 exalta, por meio da adjetivação, a figura do gaúcho nos tempos atuais.

Das proposições acima,

- (A) apenas I e II estão corretas.
- (B) apenas I e IV estão corretas.
- (C) apenas I, II e III estão corretas.
- (D) apenas II, III e IV estão corretas.
- (E) apenas III e IV estão corretas.

QUESTÃO 03

(ENEM/2014) Leia o texto e responda:

Há o hipotrélico. O termo é novo, de impensada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se hipotrélico querendo dizer: antipodático, sengraçante imprizado; ou talvez, vicedito: indivíduo pedante, importuno agudo, falta de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrélico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

ROSA, G. Tutameia: terceiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 (fragmento).

Nesse trecho de uma obra de Guimarães Rosa, depreende-se a predominância de uma das funções da linguagem, identificada como

- (A) metalinguística, pois o trecho tem como propósito essencial usar a língua portuguesa para explicar a própria língua, por isso a utilização de vários sinônimos e definições.
- (B) referencial, pois o trecho tem como principal objetivo discorrer sobre um fato que não diz respeito ao escritor ou ao leitor, por isso o predomínio da terceira pessoa.
- (C) fática, pois o trecho apresenta clara tentativa de estabelecimento de conexão com o leitor, por isso o emprego dos termos “sabe-se lá” e “tome-se hipotrélico”.
- (D) poética, pois o trecho trata da criação de palavras novas, necessária para textos em prosa, por isso o emprego de “hipotrélico”.
- (E) expressiva, pois o trecho tem como meta mostrar a subjetividade do autor, por isso o uso do advérbio de dúvida “talvez”.



QUESTÃO 04 //

(PUCCamp-SP/2013) Leia o texto e responda:

TEXTO

A dois séculos de distância, o espetáculo ainda é assombroso (...) Que de tão longe uma Rainha enlouqueça e venha a morrer no cenário final do drama; que os sonhos dos Inconfidentes se cumpram depois de tantas sentenças; e que o Brasil se torne independente dali a 31 anos, e a República seja proclamada exatamente ao cumprir-se um século sobre aquelas prisões – tudo parece impregnado de um mistério claro, desejoso de revelar-se e de se fazer compreender.

(Cecília Meireles. "Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência", anexo a Romanceiro da Inconfidência. São Paulo: Global, 2012. p. 255)

Referindo-se no texto à origem e à motivação do Romanceiro da Inconfidência, Cecília Meireles sugere que uma obra literária

- (A) importa muito mais do que o fato histórico a partir do qual supostamente tenha sido gerada.
- (B) pode nascer a partir da atualização de um fato cujo sentido fundamental não perde força na história de um país.
- (C) impõe-se com mais força quando, rejeitando os valores do passado, propõe novos caminhos políticos para um país.
- (D) tem como finalidade espelhar de modo bastante fiel os elementos essenciais da formação de uma sociedade.
- (E) deve alicerçar-se na força da documentação histórica, sem a qual se arrisca a ser um exercício gratuito de imaginação.



QUESTÃO 05 //

(FUVEST-SP/2013/1ª Fase) Leia o texto:

TEXTO

Morro da Babilônia

À noite, do morro
descem vozes que criam o terror
(terror urbano, cinquenta por cento de cinema,
e o resto que veio de Luanda ou se perdeu na língua
[geral]).

Quando houve revolução, os soldados se espalharam
[no morro,

o quartel pegou fogo, eles não voltaram.
Alguns, chumbados, morreram.
O morro ficou mais encantado.

Mas as vozes do morro
não são propriamente lúgubres.
Há mesmo um cavaquinho bem afinado
que domina os ruídos da pedra e da folhagem
e desce até nós, modesto e recreativo,
como uma gentileza do morro.

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo.

Guardadas as diferenças que separam as obras a seguir comparadas, as tensões a que remete o poema de Drummond derivam de um conflito de

- (A) caráter racial, assim como sucede em A cidade e as serras.
- (B) grupos linguísticos rivais, de modo semelhante ao que ocorre em Viagens na minha terra.
- (C) fundo religioso e doutrinário, como o que agita o enredo de Til.
- (D) classes sociais, tal como ocorre em Capitães da areia.
- (E) interesses entre agregados e proprietários, como o que tenciona as Memórias póstumas de Brás Cubas.



QUESTÃO 06

(PUCCamp-SP/2017) Leia o texto:

TEXTO

Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. (...) E andavam para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. (...) Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos.

(RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Martins, 27. ed., s/d, p. 172)

Publicado em 1938, o romance *Vidas secas* tem como contexto histórico e literário

- (A) a consagração do movimento modernista, notadamente quanto à nova forma narrativa que nele se preconizava.
- (B) um conjunto de textos ficcionais, os quais se restringiam à análise de caracteres e à investigação psicológica.
- (C) uma sucessão de movimentos locais libertários, provocados sobretudo pelo descontentamento com a República.
- (D) a consagração do naturalismo científico, no qual a documentação histórica dava base à narrativa ficcional.
- (E) um conjunto de obras ficcionais pelo qual se revelavam aspectos socioeconômicos de regiões brasileiras.



QUESTÃO 07

(PUC-GO/2017/Julho) Leia o texto:

TEXTO

[...]

Daquele banho ainda hoje guardo uma lembrança à flor da pele. De fato, que para mim, que me criara nos banhos de chuvisco, aquela piscina cercada de mata verde, sombreada por uma vegetação ramalhuda, só poderia ser uma coisa do outro mundo.

Na volta, o tio Juca veio dizendo, rindo-se:

— Agora você já está batizado.

Quando chegamos em casa, o café estava pronto. Na grande sala de jantar estendia-se uma mesa comprida, com muita gente sentada para a refeição. O meu avô ficava do lado direito e a minha tia Maria na cabeceira. Tudo o que era para se comer estava à vista: cuscut, milho cozido, angu, macaxeira, requeijão. Não era, porém, somente a gente da família que ali se via. Outros homens, de aspecto humilde, ficavam na outra extremidade, comendo calados. Depois seriam eles os meus bons amigos. Eram os oficiais carpinas e pedreiros, que também se serviam com o senhor de engenho, nessa boa e humana camaradagem do repasto.

(REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 102. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2010. p. 32-33.)

Menino de engenho, de José Lins do Rego, é narrado pelo protagonista que, ao evocar suas memórias, vai recobrando a infância e seus desdobramentos na fazenda do avô.

Assinale a alternativa que melhor traduz o sentido de “nessa boa e humana camaradagem do repasto” extraído do fragmento apresentado no texto:

- (A) É uma ironia ao fato de pessoas estranhas e humildes se sentarem à mesa da família do senhor de engenho.
- (B) É uma censura ao fato de o avô permitir que o momento solene de união familiar fosse dividido com carpinas e pedreiros.
- (C) É uma forma de o narrador desconstruir a imagem de desumano e maldoso formada por outras personagens sobre o avô.
- (D) É uma referência do narrador à atitude bondosa de um senhor de engenho dividir as refeições com pessoas humildes da classe trabalhadora.
- (E) É uma forma de construir a imagem de um personagem humilde e maldoso.



QUESTÃO 08

(UNIFOR-CE/2014/Julho) Leia o texto I e II e responda:

Texto I

Pinceladas mais soltas, desenho mais livre, cores intensas e expressividade maior. Os temas brasileiros são valorizados: lendas, índios, costumes urbanos e rurais, festas populares, paisagens com independência da fidelidade ao real. Agora pode-se refletir o sonho, o delírio, o pesadelo e o mundo fantástico da imaginação. As emoções passam a ter seu lugar na manifestação artística: ternura, alegria, tristeza e surpresa.

(GARCEZ, Lucília; OLIVEIRA, Jô. *Explicando a arte brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.)

Texto II



Palhacinhos na gangorra, 1957.

Temas trazidos da infância em Brodóski, do cotidiano popular, tipos regionais, retirantes, imigrantes, cenas com crianças estão registradas em algumas das telas de

- (A) Di Cavalcanti.
- (B) Candido Portinari.
- (C) Alberto da Veiga.
- (D) Tarsila do Amaral.
- (E) Clóvis Graciano.

QUESTÃO 09

(UNISC-RS/2014/Janeiro) “Anos depois, sempre que pensava nas coisas acontecidas nos dias que se seguiram à entrada de Pedro naquela casa, Ana Terra nunca chegava a lembrar-se com clareza da maneira como aquele forasteiro conseguira conquistar a confiança de seu pai a ponto de fazer que o Velho consentisse na sua permanência na estância.”

(VERISSIMO, Erico. *O continente*. São Paulo: Cia das Letras, 2013, Kindle Edition, Location 1881 de 7782.)

A partir do fragmento acima, é correto afirmar que

- (A) o narrador da obra é Ana Terra, responsável pela memória familiar.
- (B) o narrador fala sobre as recordações de Ana Terra da época em que Pedro chegara à estância.
- (C) o narrador-personagem reconstitui uma época passada, quando Pedro é aceito na estância.
- (D) o narrador não consegue se recordar dos motivos que fizeram Pedro ser aceito na estância.
- (E) a personagem narradora questiona a decisão de seu pai sobre ele ter consentido com a presença de Pedro na estância.



QUESTÃO 10 //

(IFGO/2014/Julho) Leia o texto e responda.

Olhai os lírios do campo

"Estive pensando muito na fúria cega com que os homens se atiram à caça do dinheiro. É essa a causa principal dos dramas, das injustiças, da incompreensão da nossa época. Eles esquecem o que têm de mais humano e sacrificam o que a vida lhes oferece de melhor: as relações de criatura para criatura. De que serve construir arranha-céus se não há mais almas humanas para morar neles? ”

VERÍSSIMO, E. Olhai os lírios do Campo. Porto Alegre: Globo, 1986.

Érico Veríssimo (1905–1975) foi um importante representante da segunda fase do Modernismo brasileiro.

Assinale a alternativa que está de acordo com a reflexão presente no texto.

- (A) A importância que o dinheiro tem na vida de todas as pessoas.
- (B) A necessidade de se encontrar almas humanas para habitar os grandes arranha-céus da modernidade.
- (C) A futilidade da convivência humana diante dos conflitos que assolam as grandes cidades.
- (D) O desejo de se fazer uma análise pessoal a respeito das relações interpessoais no mundo contemporâneo.
- (E) A busca desenfreada dos homens pelo dinheiro.



GABARITO

- Questão 1 – D**
- Questão 2 – C**
- Questão 3 – A**
- Questão 4 – B**
- Questão 5 – D**
- Questão 6 – E**
- Questão 7 – D**
- Questão 8 – B**
- Questão 9 – B**
- Questão 10 - E**